

boa notícia?!” Outros mais dirão: “A que pode nos conduzir essas idéias senão ao medo e terror?!” Ainda outros vão asseverar: “Com que fim, algum espírito do bem trataria desses assuntos?!”

As perguntas se multiplicarão, embaladas pelo desculpismo e pela invigilância dos que se acostumaram aos regimes de “dever cumprido” no limite das folgas.

Porém, aos que destinamos essa convocação em regime de urgência, será pedido muito equilíbrio ante o medo de dar novos passos e a prudência que, nós próprios, os conclamamos para não se perderem nos labirintos da fascinação e do fanatismo.

— Tomaremos, portanto, medidas no intuito de apressar a formação de novos horizontes aos lidadores espíritas no que concerne à mediunidade. Que cada qual reúna sua equipe e defina os passos – arrematou Dona Modesta.

---

<sup>(1)</sup> Lucas, 12:48.’

## 04

### *Novos Colaboradores*

*“Aliás, que importam algumas dissidências, mais de forma que de fundo! Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por toda parte e vos há de unir num pensamento comum: o amor a Deus e a prática do bem.”*

*Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, conclusão, item LX.*

Era chegada o momento de levarmos ao mundo físico um novo contingente de reflexões acerca das relações interdimensionais. Todas as atividades do nosocômio, especialmente as alas destinadas a médiuns e dirigentes, passariam por avaliações profundas no intuito de melhor atenderem aos desígnios dos Planos Maiores. Entre nós, os desencarnados, havia muito a ser feito.

No dia posterior à palestra, reunimos com o professor Cícero Pereira. Discutimos algumas medidas para as tarefas de rotina junto ao pavilhão dos dirigentes espíritas. Seria de bom alvitre ampliar o raio das discussões, oferecendo maior liberdade aos recém-ingressos no Hospital. Suas impressões, ainda carregadas pelo teor das idéias geradas no plano físico, constituem farto material educativo.

Nas atividades matinais, cujo objetivo é realizar o processo gradativo de adaptação e desilusão *post mortem*, reunimos pequeno grupo de líderes espíritas recentemente

desencarnados e passamos ao labor. O Professor Cícero fez breve resumo da prédica “Atitudes de Amor”, de Bezerra de Menezes<sup>(1)</sup>, passando em seguida a debater a seguinte questão: “Que dizer aos amigos na leira espírita carnal sobre imortalidade nesse momento de transição?”.

Uma servidora consciente destacou:

— Professor, de minha parte, creio ser urgente deixar claro aos companheiros reencarnados o significado do “período de maioridade” no qual adentra o Espiritismo, conforme a fala amorável de Bezerra de Menezes. Como sabemos, muitos idealistas ainda estão subjugados por noções ilusórias acerca da expansão das idéias espíritas. Muitos chegam mesmo à infantilidade de acreditar que toda a humanidade se tornará espírita. Não concebem a urgência do centro espírita se deslocar para os meios sociais em regime de participação e responsabilidade social. Ao invés disso, aguardam a sociedade bater às portas dos núcleos de amor.

— Concordo! – asseverou um colaborador. A palestra de Bezerra, sem dúvida, é um marco na história do movimento espírita de ambos os planos. Será oportuno aos homens na carne saberem que o Espírito Verdade continua com um programa bem definido para o futuro do ideário.

— De minha parte – atalhou outro integrante do grupo – além dos dados preciosos sobre a fala do benfeitor, creio que devemos mostrar aos amigos de doutrina os efeitos da negligência e descaso com os recursos concedidos pela Divina Providência. Raros de nós escapam dessa aferição.

— Permita-me discordar! – atalhou um dos integrantes que fora presidente de centro espírita por quarenta e seis anos consecutivos – para mim, a melhor advertência destina-se ao problema dos cargos. Quem sabe um estudo sobre o poder e o apego?!

As falas multiplicavam conforme as visões pessoais quando o professor, inspiradamente, ofertou-nos precioso foco

condutor das idéias.

— Amigos, inegavelmente, todas essas propostas são valiosas. Podemos utilizá-las com enfoque mais abrangente e profundo.

— Como? – interrogou o jovem Lisandro, trabalhador da cidade do Rio de Janeiro, recém-chegado ao Hospital.

— Convém-nos usar as vivências pessoais sempre em função da Obra do Cristo e não apenas para noticiar efeitos de nossos desatinos ou transmitir informes reveladores ao mundo terreno.

Lisandro, não satisfeito, voltou a expressar-se:

— Explique melhor, professor!

— Nossos equívocos são diferentes quanto à forma, entretanto, quase sempre trazem origens morais similares. Seria oportuno adequar todas as idéias expostas a um tema geral que auxiliasse mais claramente na identificação das causas das lutas humanas. Assim, contribuímos para formação de uma coletividade espírita mais ativa e consciente de seus deveres sociais e humanitários.

Existe um velho tema que merece toda a atenção dos trabalhadores do Cristo. A mensagem do Evangelho, em todos os tempos, vem sofrendo o golpe dos “inimigos do Cristo” através do ofuscamento da verdade. O objetivo deles sempre foi reter a Terra na ignorância sobre as luzes espirituais como sendo a mais eficaz estratégia de domínio.

— E qual tema é esse? – insistiu Lisandro.

— As nuances da imortalidade. É hora de rasgar o véu, “desmascarar” o plano espiritual. Mostrá-lo como ele é. Ajudar nossos companheiros no corpo a entenderem a vida dos espíritos sem o dogmatismo com o qual ainda teimam em pintá-la com as cores dos velhos condicionamentos religiosos. É comum ouvirmos os espíritas dizerem que o plano terreno é uma cópia daqui. Apesar disso, com raras exceções, ainda enxergam o mundo espiritual através das lentes das tradições

religiosas. Urge eliminar os mitos sobre a erraticidade, “demitificar” e desmistificar a realidade das esferas evolutivas adjacentes à vida material. Os adversários da causa sabem que não podem mais esconder a imortalidade da alma, porém, trabalham muito para tentar turvá-la e subjugá-la a malfadados regimes de ameaças e penitências do céu e do inferno, agora conhecidos, por lá, como umbral e Nosso Lar desde o surgimento da literatura mediúnica subsidiária.

O professor mal terminou sua fala e foi interrompido por um doutrinador de grande cidade do estado de Goiás. Visivelmente incomodado, embora sincero, assim pronunciou Marcondes:

— Estará o meu irmão fazendo uma crítica velada às obras de André Luiz que explicam em detalhes o plano espiritual?

— Não se trata de crítica, Marcondes. Você está chegando agora em nosso plano e, tanto como nós, verá que muito temos a aprender e a repensar sobre as noções trazidas da vida física acerca do plano espiritual. Comumente, carregamos para cá os conceitos e pontos de vista individuais, talhados pela cultura da comunidade doutrinária. Tudo muito natural! No entanto, o meu amigo terá tempo bastante para descobrir que, o farto material sobre vida imortal destinado aos homens, por André Luiz, representa minúsculo grão de areia na praia infinita das verdades espirituais.

— Essa colocação é um reducionismo ao Nobre Guia! Que autoridade tem o senhor para essa afirmativa sobre ensinamentos tão completos?! – desabafou o dirigente.

— Reduacionismo sobre qual sentido?

— O senhor, dessa forma, diminui o significado da excelsa obra mediúnica de Chico Xavier. Para mim, essas obras constituem a quarta revelação. Que mais precisa um homem saber além dos ensinamentos enviados por André Luiz? Além do mais, quem pode questionar a literatura do médium Xavier?

— Não intenciono diminuir. A excelência desse Nobre Guia se manterá para a eternidade. Ele próprio, todavia, nunca assumiu, assim como seu medianeiro, a condição popularizada de infalibilidade. Se encontrar por aqui com André Luiz, verá que ele mesmo gostaria de complementar seus apontamentos, alguns deles atualizados pela ciência. Suas percepções, irmão querido, ainda estão marcadas pela natural influência de acanhadas percepções da cultura terrena. Os livros desse mensageiro são como capítulos bem escritos no “grande livro da verdade”. Muitos capítulos lhes antecedem e vários outros o sucederão. Teremos a quinta, a sétima, a milionésima revelação e ainda haverá o que ser revelado. Quanto a questionar médiuns e os frutos de sua lavra, é questão credora, igualmente, de muitas considerações. Nesse campo, infelizmente, ora os homens têm sido ingratos e antifraternos, ora idólatras e crentes demais.

— Com o conteúdo desses livros, temos material para quatro reencarnações ou mais; então que idéia é essa de enviar mais novidades mediúnicas? Com qual finalidade? – falou o líder já com certo grau de irritabilidade.

— Sem dúvida, essa série mediúnica será material para muitas encarnações, se estivermos falando do fundo moral que as compõem. Entretanto, meu companheiro, referente a novidades e revelações, André Luiz ainda tem, ele próprio, muito a dizer em acréscimo ao que já escreveu. Parece-nos, infelizmente, que os médiuns se sentem indignos de sua companhia. Eis um dos problemas muito explorados pelas trevas. Os núcleos do amor cristão no planeta precisam tomar consciência dessa ocorrência. Urge rasgar véus...

— Estaria, porventura, afirmando que existem outros médiuns em condições de receber André Luiz pela mediunidade?

— E por que não? Não só André Luiz, mas todo o céu está à procura da Terra. É de se lamentar a crença difundida

entre os médiuns espíritas sobre a distância na qual se encontram os Bons Espíritos. Mais sofrível ainda é o conceito que possuem sobre mentores espirituais e espíritos superiores, como se fossem almas eleitas e infalíveis, vestidas de túnicas brilhantes, com linguagem empolada, as quais só seriam vistas, sentidas ou entendidas quando os médiuns vencessem todos os seus vícios e se tornassem criaturas impolutas. Os opositores desencarnados não conseguiram impedir a difusão das idéias doutrinárias, todavia, causaram-lhe extrema deturpação, atrasando, sobremaneira, o alcance da maioria do Espiritismo e a maturidade dos espíritas. É de todos os tempos essa cultura de inferioridade. Muito agrada aos líderes da perversidade a idéia de que o Cristo e seus enviados estejam muito distantes das nossas necessidades, inalcançáveis por criaturas como nós... Com essa cultura da indignidade, atingiram alvos fundamentais...

Evidentemente, será mais difícil a André Luiz obter os resultados excepcionais através do médium que não saiba conjugar os verbos servir e aprender, acrescidos da atitude do sacrifício. O problema não é a suposta distância na qual estejam os Espíritos Sublimes em relação aos homens, e sim a atitude enfermiga de apatia que preferem manter os homens relativamente aos Espíritos Sublimes. Eis a razão de se rasgar o véu e apresentar, aos nossos parceiros de causa, o mundo espiritual despido de inverdades alimentadas pela obsessão da ignorância e do preconceito que ainda carregam. Urge levar-lhes a mensagem de que as esferas de vida imediatas à morte não são tão diversas quanto se imagina, na qual os efeitos de nossas ações se prolongam natural e claramente em regime de continuidade. Bilhões de almas de nosso plano vivem como se na Terra estivessem. Ainda há muito a ser dito sobre essa interação interdimensional.

— É difícil acreditar que seja dessa maneira. Prefiro não ouvir mais nada. Não foi nada disso que aprendi nos livros

idôneos da doutrina... Gostaria de me retirar da reunião, Ermance! Posso?

— O meu irmão é livre para retornar ao seu quarto. Seria melhor ficar e acompanhar o desfecho de nosso encontro. Depois falaremos em particular. Faz parte de seu novo aprendizado.

— Não sei se devo continuar a escutar essas inovações, pois tenho minhas próprias visões. Minha formação doutrinária não condiz com essa linha excessivamente inovadora. Depois de servir ao Espiritismo por tantos anos, já começo a me decepcionar com o ato da morte. Desde quando cheguei aqui, nada é como esperava – externou o dirigente com um mal súbito. Amiga, não sei se quero aprender, ouvindo o que não me agrada! Creio não merecer isso depois de tanta luta no corpo.

— Sim, compreendo seu desgosto!

Para corações como Marcondes, é muito constrangedor despir-se de preconceitos enraizados no mundo físico, simplesmente em razão de não se adequar ao dinamismo da troca e da abertura mental para reciclar as concepções e posturas. Ele foi um bom homem, no entanto, descuidou da edificação do reino espiritual em seu sentimento, restringindo-se a volume de informações cerebrais, o que lhe dificulta a adaptação após o desencarne. Elegeu o conhecimento como sinônimo de autoridade e, em verdade, mesmo dizendo ouvir a todos, preferiu sempre seus pontos de vista pessoais. A morte, no entanto, convida-o a ter de ouvir o que deve, por não querer ouvir o que precisava quando na vida corporal...

Refeito o mal estar, que quase se instalou entre todos, Professor Cícero continuou sua explanação.

— Também tive meus desacertos e compreendo sua indisposição, amigo querido. Faça um esforço para superar, pois quanto mais rápido se lançar a esse trabalho, menos

doloroso se tornará o processo da desilusão. E digo mais: bom que sua desilusão comece aqui entre amigos, porque, no meu caso... Aqui no Hospital, cada contato, cada encontro fraterno, cada ocasião se tornará um convite de elevação ao qual a alma não tem como resistir. Agora que nos libertamos da carne, falta libertarmo-nos de nós mesmos... O meu relato não é uma inovação. São fatos e vivências. O amigo terá chance de presenciar com os próprios olhos. Necessário deixar claro que, quando falo em rasgar o véu, falo de meus próprios fracassos os quais poderiam ter sido evitados, caso tivesse noções mais claras sobre as célebres questões: “*De onde viemos? Para onde vamos? O que fazemos no corpo?*”.

Procurando aprender um pouco mais, assim apresentou-se Anita, experiente trabalhadora da oratória:

— Estou aqui há menos de duas semanas. Meu trespasse foi muito doloroso em razão da doença lenta e progressiva. Sinto-me como se tivesse renascido depois da morte, e, mesmo com tão pouco tempo nesse Outro Lado, já percebi muita coisa que jamais ouvi dizer através dos livros mediúnicos. Fico deveras entusiasmada com a iniciativa de levar aos confrades no corpo informações novas sobre os fatos presenciados na vida extrafísica.

— Fico feliz com sua contribuição, Anita! – atalhou o professor. Nossa tarefa, contudo, não pode circunscrever-se ao mero ato de fazer revelações sobre o que vemos ou a forma como vivemos nesse Outro Lado da existência. Os espíritos, nesse sentido, já estão, demasiadamente, enriquecidos de notícias. A revelação deve ser poderosa ferramenta que os auxilie a mensurar os resultados de nossas escolhas e condutas para além das percepções sensoriais. Sabe-se muito sobre o que ocorre por fora em matéria de morte. Agora é necessário tecer maiores considerações sobre seus efeitos em nossa intimidade.

Quando o explanador terminou de falar, Marcondes,

imediatamente, levantou-se da cadeira e disse, inconformado:

— Para mim, chega! Com licença. Não quero ouvir tanto sofisma. Tem que estar havendo algum problema com vocês. Isso não é Espiritismo, é “achismo”, pontos de vista transgressores da pureza doutrinária – e saiu furioso da sala.

Logo após a saída de nosso irmão, outro fato inusitado veio da parte de experiente líder espírita, cujo trespasse havia se dado há alguns dias. Assim expressou-se Selena, líder influente em Minas Gerais:

— Perdoem-me, tenho que falar, senão vou explodir! Estou muito decepcionada com tudo que presenciei aqui. Acreditei que a morte me livraria desse mau humor de alguns espíritos de topete. Minha mente está muito confusa e não gostaria de escutar mais nada. Chego a pensar se não foi uma grande ilusão ser espírita. Com licença, tenho que repousar.

Outros encontros que fizemos com várias pequenas equipes de recém-desencarnados trouxeram farto material para pensar. Presenciamos muitos comportamentos agressivos e arrogantes, e, poucas vezes, algumas expressões de alegria e cooperação com a tarefa em curso; entretanto, nada constituía obstáculo ou aflição para nós. Era uma rotina nos inúmeros serviços de adaptação e aprimoramento. Em verdade, tais ocasiões revestiam-se de valores para todos e, para alguns, era o início de um despertar longo e doloroso.

Ouvir a palavra daqueles que chegavam ao nosso plano, ainda tomados pelas ilusões mundanas, revestia-se do valoroso aprendizado de contextualizar nossa linguagem de espíritos à linguagem dos homens, dando o colorido mais próximo da realidade terrena quando nos serviços da escrita mediúnica.

Ante as reações de Marcondes e Selena, a fala fraterna de Eurípedes exarada na noite anterior ecoava em nossas reminiscências. Quanto a ser feito pela criação de pólos genuinamente cristãos de serviço e amor! Quanto a realizar

para definirmos nossas relações de concórdia em torno do amor a Deus e a prática do bem!

Nossos irmãos seriam convidados a encontros particulares para o dia posterior.

## 05

### *Primeiras Entrevistas*

*“O orgulho vos induz a julgar-vos mais do que sois; a não suportardes uma comparação que vos possa rebaixar; a vos considerardes, ao contrário, tão acima dos vossos irmãos, quer em espírito, quer em posição social, quer mesmo em vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e aborrece.” Um Espírito protetor (Bordéus, 1863.)*

*O Evangelho Segundo Espiritismo, capítulo Ix. item 9.*

Logo pela manhã, no dia seguinte, solicitamos a presença de Marcondes em nossa sala. Ao chegar, o dirigente cumprimentou-nos:

— Bom dia!

— Como está, Marcondes? – externou o professor com amabilidade.

— Estou confuso e insatisfeito!

— Por qual razão? – indagou o professor. Tem algo a ver com a reunião de ontem?

— Não só por isso. Tenho sido tratado como se algo grave houvesse ocorrido comigo. Medicações, repousos, pouca atividade. De fato, passo por uma zonzeira inexplicável. Os incômodos da doença pela qual desencarnei não cessaram integralmente, mas exigirão tantos cuidados médicos?

— É temporário! Trata-se de adaptação gradativa.

---

<sup>(1)</sup> A referida palestra está contida na obra *Seara Bendita* – Editora Dufaux.